

Contaminação de anestésico não é comprovada

Reuter

Medicamento é suspeito de ter causado 50 casos de meningite química no Paraná, em São Paulo, no Rio, Rio Grande do Sul e Piauí; material ainda pode passar por novos exames na França e nos Estados Unidos

O diretor do Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde (INCQS) da Fundação Osvaldo Cruz, no Rio, Félix Rosenberg, disse ontem que as cerca de 600 amostras do anestésico Neocaína enviadas pela Vigilância Sanitária de São Paulo após inspeção no Laboratório Cristália, de Campinas, foram consideradas satisfatórias em todos os ensaios realizados. O anestésico é suspeito de ter causado 50 casos de meningite química no Paraná, em São Paulo, no Rio, Rio Grande do Sul e Piauí.

Rosenberg acredita que um descuido na limpeza nos dutos e tanques do laboratório poderia ter contribuído para a contaminação do medicamento. "É possível que apenas a cabeça dos lotes analisados, os primeiros frascos, tenham sido contaminados por outros produtos fabricados pelo laboratório, mas não temos como controlar isso, porque as embalagens não são numeradas", disse.

Segundo Rosenberg, só a partir de uma profunda investigação epidemiológica será possível descobrir onde foram parar esses primeiros frascos da linha de produção. Ele disse que o material poderá ser submetido a exames específicos complementares na França ou nos Estados Unidos.

Ontem, Rosenberg se reuniu com a coordenadora de Medicamentos da Vigilância Sanitária de São Paulo, Emiko Fukuda, o diretor da Vigilância Sanitária do Paraná, Celso Rúbio, e o representante do Ministério Público paranaense, promotor Marco Antônio Teixeira, para discutirem o assunto. Teixeira fará um acordo com os diretores do laboratório paulista para guardar os lotes de Neocaína fabricados antes de agosto de

1996.

"Apesar dos resultados, não podemos garantir que os lotes não tenham frascos com contaminante químico", disse Rosenberg. O INCQS analisou amostras de 12 lotes provenientes do estoque da fábrica em Campinas, onde os técnicos fizeram inspeção entre 26 e 28 de novembro. As amostras de outros 15 lotes do Paraná ainda serão analisadas. Em cada apreensão, foram separados três invólucros — uma para a análise, outro para a contraprova (eventual contestação da indústria) e o terceiro para acabar com as dúvidas. Além de fazer exames laboratoriais, o INCQS fez testes em ratos, nos quais foram ministradas anestésias.

Além da Neocaína, segundo Rosenberg, outros cinco produtos, fabricados pela Cristália um pouco antes, foram submetidos a exames de cromatografia líquida, gasosa e de espectograma de massa, mas também não foi encontrada nenhuma substância contaminante. O INCQS também está

finalizando análises em desinfetantes que foram usados nos aparelhos de produção da Neocaína.

Para saber o que causou os casos de meningite química, provocando quatro mortes no Paraná, será preciso fazer uma pesquisa epidemiológica, disse Rosenberg. "Precisamos saber quantas doses do medicamento fabricado antes de agosto foram distribuídas no País", afirmou.

O diretor-presidente do Cristália Produtos Químicos e Farmacêuticos, Ogari de Castro Pacheco, disse em Campinas que só comentará a suspeita de contaminação do medicamento depois que receber o laudo da Fundação Osvaldo Cruz. "Estamos esperando o resultado da Fundação Osvaldo Cruz há 120 dias", disse o empresário.



Pressa de nascer

A norte-americana Brenda Gaskin segura seu filho recém-nascido, Cleborne Kenneth Gaskin, no centro médico do Hospital Vincent, na Flórida.

A criança nasceu no banco traseiro do carro dos pais de Brenda, um Mercury Topaz modelo 1991, a caminho do hospital. Brenda também não chegou a

tempo na maternidade em seu parto anterior. Seu filho mais velho, Kensey, que tem 2 anos, nasceu num carro a caminho do hospital.

Nova vacina vai combater hepatite B

LONDRES — Uma nova vacina contra a hepatite B, um dos problemas de saúde mais graves do mundo, poderá ser eficaz em pacientes resistentes aos tratamentos disponíveis, anunciaram médicos do Royal Free Hospital, de Londres. Os especialistas deram a vacina, que será vendida com o nome de Hepagene, a cem agentes de saúde que haviam recebido outros imunizantes, sem obter resultado. Desses, 69 desenvolveram anticorpos após a primeira aplicação.

O imunizante é fabricado pela Evans Medical, que usa uma versão geneticamente alterada do ví-

rus. Milhões de pessoas em todo o mundo são infectadas a cada ano pela hepatite B e se calcula que cerca de 2 milhões morram anualmente. O vírus é transmitido por contato sexual ou sangue e pode causar problemas hepáticos que levam à morte, como cirrose e câncer.

A hepatite B se propaga de maneira similar ao vírus da aids. Mas os médicos consideram o vírus transmissor da

hepatite cem vezes mais infeccioso que o HIV. A prevenção da doença é difícil, já que até 15% das pessoas não reagem às vacinas existentes. Isso cria um importante risco para os profissionais que tratam de

DOENÇA
MATA 2 MILHÕES
POR ANO NO
MUNDO

pacientes com hepatite B. Entre os fatores que reduzem as possibilidades de uma pessoa reagir às vacinas contra a hepatite B estão idade avançada, fumo e peso excessivo.

Remédio contra diabetes pode evitar uso de insulina 240

WASHINGTON — A Administração de Drogas e Alimentos (FDA) dos Estados Unidos aprovou ontem o uso de um medicamento que oferece aos portadores de diabetes do tipo 2 a possibilidade de reduzir, e até eliminar por completo, a necessidade de injetar insulina.

O composto troglitazone, dos laboratórios Parke Davis, é o primeiro que ataca a causa subjacente da forma mais comum de diabetes: o medicamento volta a sensibilizar o corpo humano à insulina, hormônio que converte o açúcar do sangue em energia.

Açúcar — Segundo a empresa que manufatura o remédio nos Estados Unidos, ele será vendido sob o nome comercial de Rezulin a partir de março. Só nos Estados Unidos, cerca de 16 milhões de pessoas têm diabetes. O tipo 1 afeta crianças com mais frequência e não tem indicação para o novo medicamento. O tipo 2, em que não há dependência de insulina, normalmente se manifesta na idade adulta. É para esses pacientes que o remédio é indicado.

Nesses casos, a insulina natural do organismo gradualmente perde a eficácia, permitindo o aumento do nível de açúcar no sangue e podendo favorecer problemas renais e cardíacos, cegueira e outras complicações. Cerca de 90% dos diabéticos norte-americanos são vítimas da diabetes tipo 2.

O novo remédio é voltado para os doentes que precisam de injeções diárias de insulina. Os pesquisadores estão convencidos de que o Rezulin estimulará os genes a produzir maior quantidade de proteínas controladas por insulina. Num estudo feito com 222 pacientes, os que ingeriram doses de 499 miligramas diárias de Rizulin, em seis meses reduziram as doses diárias de insulina em 58% e cerca de 15% puderam parar de injetar insulina.